

JORNAL DO BRASIL

Kandir garante que conversas com credores são promissoras

BRASÍLIA — A equipe de negociadores da dívida externa brasileira, chefiada pelo embaixador Jório Dauster, abrirá, na próxima segunda-feira, ao comitê assessor da dívida externa, em Nova Iorque, “grandes espaços para negociação”. Com essas palavras, e uma certa dose de otimismo, o secretário de Política Econômica, Antônio Kandir, fazia ontem a discreta previsão de que na próxima semana a negociação com os credores poderá caminhar, não para uma conclusão, mas para um diálogo com chances de um bom resultado. “O que deverá acontecer é um ajuste de posições, em que o essencial da proposta brasileira deve ser mantido: a realização de um acordo durável e que não submeta o país a gerar inflação para efetuar pagamentos ao exterior”.

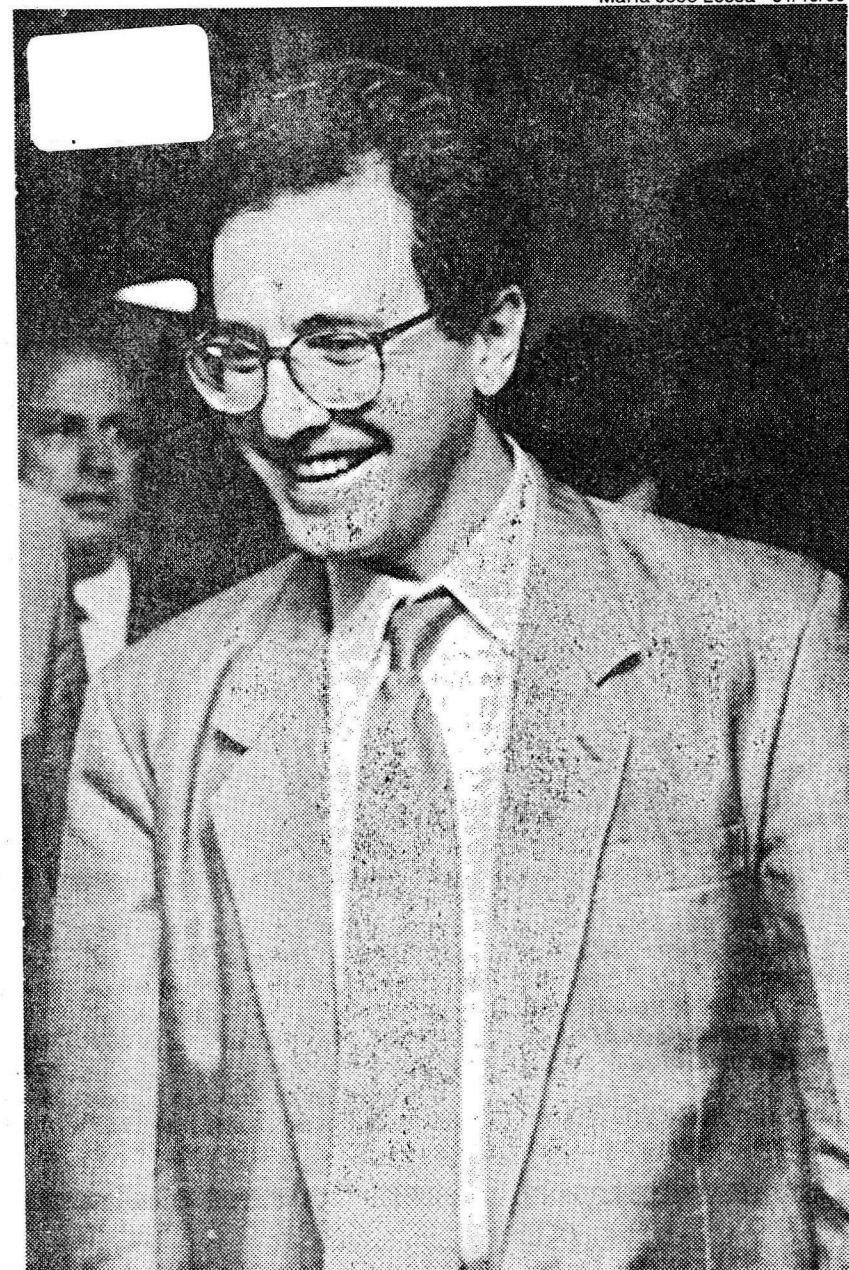
Evitando fornecer detalhes sobre a contraproposta a ser levada a Nova Iorque, para que ela se mantenha inédita até ser apresentada aos credores, Kandir reafirmou a disposição do governo de só pagar parte dos juros atrasados desde que esse gesto esteja vinculado à renegociação global da dívida de US\$ 52 bilhões. Ao mesmo tempo, faz raciocínios para explicar que não há uma rigidez em relação a um possível pagamento dos atrasados explicando que, se os credores concordarem, por exemplo, em emprestar recursos ao país para o pagamento dos juros, uma operação nesse sentido pode ser realizada pelo governo brasileiro.

E exatamente para evitar essa rigidez que Kandir, juntamente com Dauster, jantaram com os senadores Fernando Henrique Cardoso (PSDB-SP) e Severo Gomes (PMDB-SP), esta

semana, tentando abrandar a proibição que o projeto de Resolução a ser votado pelo Senado pretende impor em relação a pagamentos aos credores antes que um acordo global sobre a dívida externa seja aprovado pelos senadores. “Não é bom que haja essa rigidez”, resume.

As conversas que Kandir e o presidente do Banco Central, Ibrahim Eris terão na próxima semana, com autoridades de países europeus, está sendo computada como uma peça importante na estratégia de negociação. Kandir acredita que os governos desses países estão naturalmente interessados em influenciar seus bancos oficiais para que chegue a bom termo, e com maior rapidez, a negociação sobre os débitos brasileiros junto ao Clube de Paris, que se aproximam dos US\$ 19 bilhões. “Entre os governos desses países deve haver a noção de que é necessário o equilíbrio” entre o que está sendo negociado com os bancos privados e o que será proposto às instituições oficiais de crédito, explica.

Ontem, durante todo o dia, uma equipe técnica de negociadores brasileiros conversou longamente com representantes de bancos de investimentos e corretoras estrangeiras, entre elas a poderosa Meryl Lynch, norte-americana. Assesores do Ministério da Economia explicaram que “são conversas para o futuro”, que propiciam a troca de informações sobre o mercado internacional de investimentos e corretagem de títulos — uma sondagem útil no momento em que vislumbram uma maior possibilidade de acordo com os credores, a partir da próxima semana.



Antônio Kandir: “O que acontecerá será um ajuste”